

O RENASCER VIANENSE

ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DA ACADEMIA VIANENSE DE LETRAS

ANO II Nº 4 VIANA-MA, NOVEMBRO DE 2003



Editorial

Dois pontos de grande relevância ocuparão as considerações deste espaço. Primeiro, precisamos apoiar e aplaudir a iniciativa do Ministério Público que promoveu recente reunião, nesta cidade, com lideranças regionais e a população em geral, sobre os problemas da criação extensiva de búfalos e das cercas nos campos da Baixada.

Tais assuntos merecem toda nossa atenção. Constituem violações graves dos direitos ambientais de toda uma região, de toda a população da Baixada. Precisamos condenar esses crimes. Conclamamos os vereadores, as lideranças comunitárias e o povo, sobretudo o povo, para reclamar medidas urgentes que coíbam essas infrações da lei positiva e da lei natural contra os campos da Baixada Maranhense.

O segundo assunto, refere-se à iniciativa da Academia Vianense de Letras, em seu programa de ativação da memória da cidade. Um dos pontos deste programa consiste na confecção de placas para serem fixadas em locais de relevância histórica para Viana.

Na primeira fase, serão colocadas placas nos locais onde nasceram ou residiram Dilú Mello, Antônio Lopes, Raimundo Lopes, Miguel Dias, João Mohana, Edith Nair Silva, Estevam Carvalho, Anica Ramos, Sálvio Mendonça e Travassos Furtado. Na Praça da Matriz, será fixada também uma placa para lembrar que foi ali o cenário principal do grande romance de João Mohana, *O Outro Caminho*, contando o drama dos personagens Padre Eyder e da Viúva.

Com essas placas pretendemos chamar a atenção dos estudantes e do povo vianense sobre a importância de não esquecer aqueles que contribuíram para elevar o prestígio de nossa terra pelo estudo e pesquisa da História, da Literatura e das artes em geral.

Tal luta da Academia pelo conhecimento de nossa história será contínua. Muitos vultos ilustres de Viana se perderam no esquecimento e continuarão se perdendo, caso não haja iniciativas como essas.

Desde a fundação da Academia, as pesquisas sobre os acadêmicos e os patronos têm sido estimuladas pelos professores locais. Esses exercícios de pesquisa contribuem para o "apoderar-se" das nossas tradições culturais pela classe estudantil, depositária de nossas esperanças.

Contamos com a vigilância da população para a preservação dessas placas. Afinal, são partes da nossa memória.

CASA DO SR. ESTRELINHA



Essa bonita casa de fachada de azulejos coloniais portugueses (cujos desenhos formam figuras geométricas coloridas e interessantes - no detalhe) pertencia ao Sr. Tolentino Veloso, que nela residia com sua família.

Depois da morte do Sr. Tolentino, a casa serviu de residência para o Dr. Artur Almada Lima, 10º Juiz de Direito a ocupar o cargo nesta Comarca de Viana, que aqui trabalhou e residiu por vários anos.

É importante ressaltar que talvez seja essa a única casa, no Maranhão, a ostentar esse mo-

delo de azulejo, pois ainda não foi encontrado nenhum prédio com azulejaria similar em São Luís.

A fachada original, além dos azulejos, apresentava janelas com vidraças e grades no mesmo estilo das janelas da casa vizinha do Sr. Ananias. Com o tempo, as grades foram danificadas e substituídas por paredes de alvenaria (que, entretanto, podem ser facilmente removidas para recolocação das grades, algum dia).

Vale a pena zelar por esse raro exemplar da arquitetura colonial vianense.

VERDES CAMPOS*

Moysés Garcia de Almeida

*Verdes campos,
Tapetes reluzentes
Dulcíssimos mantos
Que a natureza amena
Encerra amor*

*Verdes campos,
De dores e prantos,
Sorrisos e flores
De sonhos ardentes.*

*Verdes campos,
Que as águas cobriram
Por que destruíram
Sem pena e sem dó?*

*Verdes campos,
Não sei se um dia
Tu voltas perene
Sem mágoa e sem dor...
Chamando teus filhos
Queridos da terra,
Que a natureza encerra
Carinho e amor.*

*Esta poesia do falecido poeta Moysés Almeida foi premiada pelo 1º Festival de Poesia do SINDSEP – Sindicato dos Servidores Públicos Federais do Maranhão, em 1997.

DO ALTO DA MATRIZ

Em virtude do esgotamento da primeira edição, o livro de memórias do confrade Lourival Serejo, *Do Alto da Matriz*, está em fase de preparação para o lançamento de uma segunda edição.

DOIS BACHARÉIS EM DIREITO TOMAM POSSE NA AVL

Na noite chuvosa do dia 3 de maio do corrente ano, tomaram posse na Academia Vianense de Letras os bacharéis em Direito Carlos Nina Everton Cutrim e Oswaldo Pereira Gomes.

Apesar do forte temporal que desabou sobre a cidade naquela noite de sábado, um público expressivo se fez presente à cerimônia de posse, realizada no salão do Grêmio Recreativo Vianense. Entre os presentes, figuras destacadas do cenário político e cultural do Estado, como os deputados Francisco Gomes e Nan Sousa, do representante da Academia Maranhense de Letras, Sebastião Moreira, e do presidente do CREA, José Pinheiro Marques.

O primeiro a tomar posse, Carlos Nina Everton Cutrim, tornou-se titular da cadeira nº 6, patroneado pelo notável maestro e compositor Temístocles Lima, autor da música do Hino Vianense. A saudação ao novo acadêmico foi proferida pela acadêmica Rosa Maria Pinheiro Gomes.

Oswaldo Pereira Gomes, general reformado do Exército, tomou assento na cadeira de nº 14, que tem como patrono a figura do jornalista, poeta e escritor Travassos Furtado. O presidente da casa, Lourival Serejo, fez a saudação em nome do acadêmico Luiz Alexandre Brenha Raposo, o qual se encontrava impossibilitado de comparecer ao ato.

Carlos Nina nasceu em Viana, no dia 1º de junho de 1943. Fez o primário no Grupo Escolar Estevam Carvalho e o curso ginásial no Centro Cenecista Professor Antônio Lopes. Mudando-se para a capital, concluiu o 2º grau no extinto Colégio de São Luís. Em 1978 graduou-se em Direito pela UFMA, ingressando no Ministério Público Estadual no



Momento solene da execução do Hino Vianense



O acadêmico Oswaldo Pereira Gomes fazendo seu discurso de posse



O acadêmico Carlos Nina recebendo o diploma das mãos do representante da Academia Maranhense de Letras, Sebastião Moreira

ano seguinte. Em 1980 foi nomeado Promotor de Justiça. É autor de vários poemas e músicas em homenagem à terra natal. Atualmente exerce o cargo de Geren-

te de Cidadania e Justiça do Governo do Estado.

Oswaldo Pereira Gomes também é vianense, nascido no dia 3 de janeiro de 1931. Estudou igualmente no Grupo Escolar Estevam Carvalho, onde concluiu o curso primário. Depois de terminar o 2º grau no Colégio dos Irmãos Maristas, em São Luís, Oswaldo ingressou na famosa Escola Militar de Agulhas Negras, em Resende (RJ), após três anos na Escola de Preparação de Cadetes de Fortaleza (Ce). Mais tarde graduou-se em Direito pela Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais "Vianna Júnior" de Juiz de Fora (MG). Hoje o General Oswaldo Pereira Gomes, autor do livro intitulado *História do 4º GAC*, atua como advogado e professor titular das cadeiras de *Direito Constitucional Brasileiro* e *Teoria Geral do Processo* na mesma faculdade em que se formou.

Os dois novos acadêmicos foram brindados, após o ritual de posse, com um coquetel oferecido aos seus convidados e todo o público presente no Grêmio Recreativo Vianense.

O RENASCER VIANENSE

Diretor:
Redator:
Endereço:

Lourival Serejo
Luiz Alexandre Raposo
Rua Antônio Lopes, 459 - Viana - MA
CEP: 65.215-000



UM ACADÊMICO, UM PATRONO

PADRE EIDER FURTADO DA SILVA

Um profeta do nosso tempo

por Luiz Alexandre B. Rapôso

A história de vida pessoal do Padre Eider Furtado da Silva se entrelaça e se confunde com a própria história religiosa do povo vianense. Menino nascido no Barro Vermelho, atual Cajari, Eider chegou em Viana no ano de 1928, aos onze anos de idade. Vinha acompanhando sua irmã, a professora normalista Edith Nair, a qual passara uma temporada de três anos lecionando na vizinha cidade de Monção.

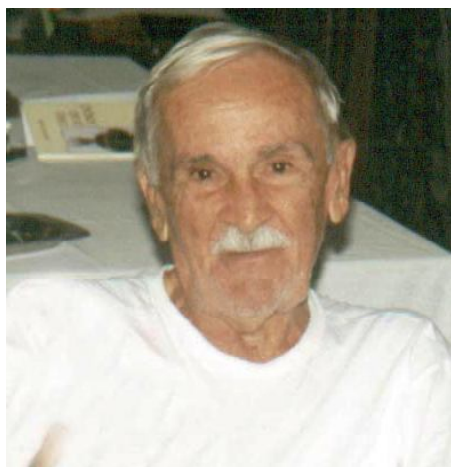
Por essa época, o pai já havia falecido. Sua mãe e os outros irmãos mudaram-se, então, para Viana, reunindo-se novamente a família nessa mesma casa, onde o Padre Eider reside até hoje. Na nova cidade concluiu o curso primário na antiga Escola Mista Estadual, após uma passagem pela Escola Proletária Vianense, instalada no prédio da Prefeitura e dirigida pelo professor paraense, Nicanor Azevedo. Mais tarde se tornaria aluno do famoso Instituto Dom Francisco de Paula e ainda receberia aulas particulares de francês e português com o promotor e o juiz da cidade.

Passado esse período e sem nenhuma outra perspectiva de ampliar os estudos, pois a família não tinha condições de mandá-lo para São Luís, retornou ao Barro Vermelho, a fim de ajudar o irmão Benedito, no comércio. Um belo dia foi surpreendido com uma carta do Padre

Manoel Arouche, oferecendo-lhe a possibilidade de estudar no Seminário Santo Antônio, desde que não abandonasse os estudos antes do 3º ano. Proposta aceita, o jovem Eider ingressou no conceituado seminário em fevereiro de 1937, aos vinte anos de idade. Ali se abriam as cortinas para uma nova vida e novos horizontes.

Ordenado padre, seu primeiro trabalho foi como cooperador do Padre Arouche, aqui mesmo em Viana. O cargo incluía uma ajuda ao velho vigário de São Vicente de Férrer, Monsenhor Bráulio, tio legítimo do pároco vianense. Com a morte do Monsenhor, ocorrida em 1951, Padre Eider foi designado para aquela paróquia (que abrangia também a cidade de Cajapió). Foram oito anos tranquilos de pregação evangélica no seio daquelas comunidades isoladas. Obediente à santa madre igreja, sua pastoral guiava-se pelo modelo antigo: ladainhas, missas, batizados, casamentos e as tradicionais desobrigas pelos povoados. Em fevereiro de 1959, o bispo Dom Delgado ordenou sua volta com a missão de preparar, juntamente com os padres da região, a criação da diocese de Viana. Estava por vir o cálice amargo de sua maior provação.

Antes da chegada festiva do primeiro bispo, Dom Hamleto de Angelis, em 1963,



aconteceria o contato revolucionário com a primeira equipe da AFIS (Auxiliares Femininas Internacionais): Guadalupe, Maria Stuart e Tereza. Portadoras, em Viana, dos ventos novos do Concílio Vaticano II e da iminente transformação da Igreja Católica, a convivência com essas missionárias foi transformadora. O próprio Padre Eider reconhece: "Até aquela época, eu era um sacerdote típico do interior. Não lia nada. Apenas jornais, quando me chegavam às mãos. Foram essas missionárias da AFIS, as responsáveis pelo meu despertar. Elas me apresentavam livros e sugeriam determinadas leituras. Foi aí que passei a olhar o mundo e minha missão sob nova ótica."

Veio Dom Francisco Hélio Campos, o 2º bispo, para reforçar e direcionar melhor ainda sua opção pelos pobres e oprimidos. Padre Eider

percebia, a cada dia, maior sentido e maior dimensão na sua vocação sacerdotal. Nesse tempo foi designado para a Paróquia de Matinha, onde iniciaria uma pastoral de compromisso e solidariedade com o povo mais sofrido.

Entretanto, na medida em que a nova pastoral alcançava os camponeses da região, a atuação da igreja católica de Viana começava a incomodar os fazendeiros e latifundiários. O desaparecimento prematuro de Dom Francisco, seria a deixa oportuna para aqueles que não viam com bons olhos a conscientização gradativa dos menos favorecidos. Em 1975, ainda em plena ditadura militar, "um bispo de encomenda" foi escolhido para aquela diocese, que se tornara incômoda aos interesses dos mais poderosos.

O terceiro bispo, Dom Adalberto, mostrou de pronto para o que viera: sua posse, prestigiada pelo filho da terra, General Florimar Campelo, não deixava nenhuma dúvida. Em pouco tempo, o conflito se instalou. Por não se dobrar aos desmandos ditatoriais do novo e reacionário pastor, Padre Eider deslançou uma crise nos bastidores da igreja vianense, a qual culminaria na sua arbitrária excomunhão. Perseguido e espoliado, sofreu na

carne os dissabores só reservados aos verdadeiros profetas de Deus: "Foi uma época terrível que tive de enfrentar sozinho. O povo, influenciado pelo bispo, se voltou contra mim. Diziam que eu era um padre comunista. De repente me vi completamente só e marginalizado, até por aqueles a quem julgava meus amigos. As pessoas passaram a me evitar, algumas deixaram até de me cumprimentar. A família do Sr. Zezico Costa foi uma das poucas que soube me apoiar nesse período difícil," confessa Padre Eider.

Depois de passado todo o vendaval e do afastamento do bispo tirano, Padre Eider reconquistou seus direitos canônicos e o respeito da comunidade, tornando-se, involuntariamente, uma espécie de memória viva da cidade. Sua casa é ponto obrigatório para jovens estudantes ou pesquisadores em busca de referências e informações mais seguras sobre a história do município. Coisas da capacidade remediadora do tempo, só testemunhadas por aqueles que alcançam tamanha longevidade.

Membro da Academia Vianense de Letras, onde ocupa a cadeira de nº 2, patronada pela própria irmã, Edith Nair Furtado da Silva, Padre Eider, hoje, do alto de seus 86 anos, pode comemorar sua vitória. A vitória de um sacerdote competente, corajoso e fiel aos princípios cristãos que nortearam sua opção de vida.

JOÃO MOHANA

Um Intelectual a Serviço da Cultura e da Fé

Kalil Mohana*

Quando o arcebispo Sapiéha visitou a Paróquia de Wadovice, na Polônia de 1940, o pároco encarregou um rapaz de saudar o pastor. Sapiéha, espantado, perguntou em voz velada: "Quem é esse jovem?" O padre respondeu: "É Karol Woytyła..."

Um pouco antes, o arcebispo Carlos Carmelo, de São Luís, fez uma visita oficial a Viana e o pároco da Matriz encarregou um jovem estudante para saudar o pastor, futuro cardeal de São Paulo. Este, admirado, indagou: "Quem é esse rapaz?" O pároco vianense respondeu: "É João Mohana..."

João nasceu em Bacabal, mas sua cidade foi Viana, naquele tempo um celeiro de homens e mulheres notáveis, escolas boas e sacerdotes que figuravam entre os melhores oradores de todo o Brasil, como o Padre Manoel Arouche. Município de enorme produção agro-pecuária, com muita fartura e pobreza sem miséria, rica de folclore, danças de todo tipo (negras, indígenas e européias) e cercado de música por todos os lados, Viana era uma verdadeira comu-

nidade e todos zelavam pelo bem público: o prefeito, o juiz, o promotor, o delegado e o padre. Os exames escolares, desde o primeiro ano primário, tinham todas essas autoridades formando a banca examinadora de fim-de-ano.

Nesse meio cultural, João Mohana desenvolveu o espírito científico, o senso de pesquisa, a tendência para as novidades e o bom-humor no mais alto grau e o amor lúcido ao Maranhão. Ao deixar sua pequena Viana, fez o curso ginásial com professores franceses e espanhóis. Formou-se em Medicina na Bahia, quando a faculdade de lá era a melhor do país. Ao decidir-se pelo sacerdócio, completou o curso de filosofia e fez teologia no maior seminário da América Latina, o de Viamão, no Rio Grande do Sul. Neste seminário, João estudou inglês, latim, grego e hebraico, ao mesmo tempo em que mergulhava nas teses mais audaciosas de Santo Agostinho e São Tomás de Aquino.

Quem ler os 44 livros escritos por João Mohana, verá as maiores conquistas do mun-



do moderno, veiculadas por um estilo maravilhoso e perfeitamente harmonizadas com a fé cristã. Em alguns deles, o autor mostra seu profundo conhecimento da psicologia e da psicanálise. Em Viana começou e em Viana terminou a maior pesquisa cultural feita no Maranhão, durante o século XX. "A descoberta do barroco mineiro é menor", afirmou um perito, apreciando os três metros de partituras maranhenses, empilhadas. Foram gastos 27 anos de buscas, aventuras, despesas, desafetos e desconfianças. Tudo para salvar os 150 anos de sinfonias, concertos, polcas, pastorais, ladainhas, missas sole-

nes, rapsódias, valsas e marchas.

João utilizou, na pastoral, todo o conhecimento médico e psicológico que possuía. Sua obra é tão atualizada que, em 1981, numa biografia de Cristo, ele fala de "clonificação" (a nossa clonagem), quando quase ninguém falava no assunto. Seu mais famoso romance (Prêmio da Academia Brasileira de Letras) se inicia e tem seu desfecho final em Viana. Alguém já comparou "O Outro Caminho" com a túnica inconsútil de Cristo, ou seja, algo não costurado, pois o romance é uma só peça, um "verso perfeito", sem costuras, fluindo como os rios Pindaré e Mearim, e sereno como o lago da bela cidade.

O Padre Mohana era uma pessoa muito pragmática. Quando alguém vinha comentar um "escândalo sexual" de qualquer religioso ele mudava de assunto, dizendo: "A única coisa que escandaliza os fiéis é padre estúpido!" Ou quando comentavam os "escândalos" da Igreja (Inquisição, Galileu, Cruzadas), respondia: "Vocês

não olham o Espírito Santo, maior escândalo da Igreja, que a fez viver 2000 anos e a fará viver mais 2000!"

Pode-se dizer que o Padre João Mohana tinha os dois movimentos da terra: rotação e translação. Era centrado em Deus, pela sabedoria mística, e engajado na sociedade, como um servidor pastoral. Amava o passado, era fascinado pelo futuro e sua fidelidade maior era com o presente. Não via discordância entre a fé e a ciência. Não notava desacordo entre a piedade teocêntrica e o amplo conhecimento da física nuclear. Admirava os bons políticos (era amigo de muitos), os bons industriais, os operários e os camponeses. O último ato público do Padre João Mohana aconteceu na casa de um vendedor de plantas, na Maiobinha. Foi a celebração de uma missa, à noite, numa novena dedicada a Nossa Senhora.

Graduado em Geografia, História e Pedagogia, Kalil Mohana é professor universitário aposentado e autor do livro "Viajando e Educando- As grandes Viagens". Ocupa a cadeira de nº 8 da AVL, patronada por seu irmão, João Mohana.

Viana, depois de alguns anos...

Depois de alguns anos, geograficamente afastado de nossa querida Viana, pela terceira vez participei do “Congresso Histórico e Cultural de Viana e do Meio Ambiente do Rosário de Lagos do Maracu”, em sua 7ª versão.

Como Viana mudou!

Recordo, com muita saudade, de minha infância e já, na vida adulta e funcional, como vigário cooperador da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição.

Sem melancolia, cidade tranqüila, tempos tranqüilos, gente tranqüila, hábitos tranqüilos, vida preguiçosa, ruas sonolentas, povo pacato, ordeiro e obediente às leis de Deus, dos homens e da vida. À tarde, a sonoridade dos instrumentos musicais dos jovens aprendizes, nos ensaios com os grandes mestres de então. Pela noite, sobretudo, naquelas enluaradas, as serenatas de amor, em cada canto da cidade.

Crianças uniformizadas rumo às escolas ou com seus pais em direção à Igreja Matriz. Caminhava-se, sem riscos, pelas calçadas e pelo meio das ruas. Não havia nenhum carro motorizado, nem bicicletas, muito menos “moto-táxis”, ocupando indevidamente os espaços da tranqüilidade dos pedestres e atropelando vítimas inocentes, razão porque só havia um hospital e uma funerária naquele tempo.

A cidade começava no Caminho Grande de Oiamá e Zé Cardoso, Messias Costa, Mundico Ligeiro e tantos outros personagens que não se apagam de nossa memória, passando pelos poços do Pará e Moropóia, pela Barreirinha, Canto de João Cordeiro, Canto do Galo, Rua Grande afora, Bar do Seu Gegê, Praça da Prefeitura, Mercado, Correio, Canto Grande, até chegar à Matriz da Conceição, ou à praia do lago, com o comércio e a fatura, de peixes de todas as espécies, da venda de arroz doce, arroz de toucinho, sarrabulho, pato ou galinha no molho pardo, mocotó, mingau de milho, chocolate, cafezinho, com manuês, pamonhas, e o melhor de tudo, a simpatia de suas vendedoras.

Tudo à beira do lago de Viana, cheio de águas cristalinas, às vezes tranqüilas, às vezes agitadas, repleto de lanchas, apinhado de canoas de pescadores e de pequenas embarcações para o transporte de cargas.

“Tudo era lindo e táfuf”, como diria o poeta da terra.

Passaram-se os anos e eu, longe da terra berço!

Hoje, vemos quase tudo muito diferente. Um crescimento desordenado da cidade e dos costumes, marcado pela destruição criminosa de nosso patrimônio histórico, de nossos sobradões de tantas lendas, pelo desfiguramento de casas de estilo da época de tantas recordações, pela apropriação indébita de nossas imagens sagradas por mãos sacrílegas, pelo mistério de nossos sinos seculares, fundidos em Portugal e mensageiros de tanta sonoridade, hoje mudos, num canto, esquecidos. A Viana que há anos deixei ficou pequena para a Viana que hoje encontro. Sua população de cinco mil habitantes quadruplicou-se. As pessoas que eram da terra, pelos mais diversos motivos, migraram para outras terras, ou para outras vidas, como aves de arribação.

Encontrei as ruas cheias de gente, mas vazias de rostos conhecidos. Encontrei os campos verdes de antigamente destruídos por manadas de búfalos predadores, a pisotear a verde grama e a assorear os últimos estertores do resto de um velho lago, hoje cansado e alquebrado, mas que um dia já foi gigante e sem limites.

Não vi mais a meninada batendo bola no meu vizinho largo de São Sebastião, meu campo de futebol predileto. A praça desapareceu, a igreja foi desmanchada e virou escola, meninos de hoje continuam pelas ruas e esquinas, alguns pedindo esmolas, outros vendendo balas ou cheirando cola, inda bem que, inúmeros de-

les, lutando por dias melhores e pelo exercício da cidadania de nossa gente.

Hoje temos a televisão dia e noite ensinando a violência, como acontece no país inteiro. Os pais não têm mais tempo para o diálogo necessário à formação dos filhos, pois a novela e os noticiários obstaculizam esse costume “careta”. Os bons livros e revistas instrutivos desapareceram, cedendo lugar aos programas fúteis ou pornôis da mídia norte-americana.

A energia elétrica, noite e dia, parece dar nova vida à cidade, mas não se instala em todos os lares, bem como a água canalizada, que não chega a todas as casas, sobretudo dos menos favorecidos socialmente. Caminhões de grande porte aumentando o crescimento do comércio, mas destruindo o patrimônio cultural de nossas ruas estreitas, calçadas e casa-

rões. Igrejas vazias, por falta de incentivo e de fé. Novas ruas e avenidas, novos bairros, tudo sem o menor planejamento urbano, construídos no modelo invasão de terras sem dono.

Sente-se, por toda parte, um sinal de desenvolvimento material, com total esquecimento da parte social e nenhuma preocupação pelo bem estar do ser humano, como se o progresso de uma cidade dependesse apenas do ter material, com desprezo pelo ser social.

Há de merecer, sem dúvida, o reconhecimento de todos a bela e promissora iniciativa da criação da Academia Vianense de Letras, despertando e preservando valores culturais, os quais, sem ela, iriam, com certeza, desaparecer na penumbra do tempo. E quanta riqueza estava ficando no esquecimento.

Cada vez que regresso de minha terra, na última curva da estrada, lá pelos lados do Ibacazinho, observando à direita, num derradeiro olhar para o lago e para a cidade, sinto um aperto no peito e falta dos tempos em que, rumo ao Gibiri ou Amarração, seguíamos, lentamente, de lancha, nós, jovens estudantes, com saudades de nossos familiares, mas alegres, pela volta às aulas, rumo a São Luís, e éramos muitos felizes, com uma Viana pequena, calma, sonolenta e musical. Hoje, todos nós, geração da experiência, sem saudosismos, só faltamos morrer de saudades da inocência daquela nossa cidade, que hoje, parece, não volta mais.

Rio de Janeiro, 31/07/2003.

Heitor Piedade Júnior

ACERVO SACRO DILAPIDADO

Padre Eider Furtado da Silva

Datada de 03/03/1995, enderecei ao Comitê de Defesa do Patrimônio Histórico, Artístico Cultural, Paisagístico e do Meio Ambiente de Viana uma carta, comunicando o que eu havia constatado na Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição de Viana, por ocasião da missa do 20º aniversário de morte de Dom Francisco Hélio Campos, 2º bispo desta diocese.

Indo naquela oportunidade à sacristia da referida igreja, onde fazia cerca de 15 anos eu não entrava, deparei, não sem surpresa, com a ausência de uma rica peça que ali existia – uma pia de pedra de cantaria fixada em uma das paredes do cômodo. Em várias igrejas antigas do Maranhão, como a catedral de São Luís e a Igreja do Carmo de Alcântara, existem pias semelhantes àquela.

Igual surpresa experimentou também o Dr. Heitor Piedade Júnior, quando de sua última visita à terra natal. Heitor, como o Padre Cordeiro e eu, trabalhou naquela igreja e por isso a conhece muito bem. Ele chegou a indagar às pessoas presentes pelo destino da pia em apreço, como pela imagem de Santa Luzia, que não se encontrava no altar de sua antiga capelinha. Diante da constatação acima e por me interessar sobremaneira pela preservação dos bens que constituem o patrimônio histórico de nossa cidade, tomei a deliberação de dirigir aquela carta ao Comitê.

Voltando outras vezes à Igreja Matriz, à qual passei a ter acesso após a deposição e conseqüente afastamento do bispo titular, Dom Adalberto Paula da Silva, notei que além da pia da sacristia, outras peças e até imagens igualmente antigas e preciosas haviam desaparecido dali. Resolvi então

fazer um levantamento dos bens por mim conhecidos e que até 1975 foram conservados com o mesmo cuidado com que durante séculos o foram por leigos como Catão Soeiro, João de Parma, Raimundo Pinto, Raimundinho dos Santos, Zezé Couto, pelos padres Barros, Hemetério, Jacinto, Luís Gonzaga, Manuel Arouche e, depois de criada a diocese, pelos bispos Dom Hamleto e Dom Hélio, que trabalharam nesta paróquia e nesta diocese.

Com a devida permissão, fiz o levantamento a que me propuz. Procurei em seguida o pároco, Monsenhor Ângelo P. Borges, que desde 1977 vinha à frente da paróquia e passei às suas mãos uma cópia da relação de peças não encontradas. Depois de acompanhar comigo, na lista, uma por uma, as dezesseis peças constantes da relação, disse não ter conhecimento do destino que tomaram e, revelando de certo modo nem as ter conhecido, declarou que “o bispo Dom Adalberto trazia tudo em suas mãos”. Lembrou-se da imagem da Nossa Senhora dos Remédios e concluiu dizendo que, quanto ao colar ou rosário de contas de ouro recebido das mãos do seu antecessor, Padre Odílio, a pedido do bispo, ele lho entregou.

Na carta enviada ao Comitê, narro em parte a história que sei sobre esse rosário de ouro, jóia valiosíssima, entregue pelo Monsenhor Ângelo a Dom Adalberto de Paula e Silva. Dom Adalberto, como é de conhecimento geral, foi o autor da venda dos históricos sinos da Matriz de Viana ao Governo do Estado, o que provocou, na época, um rumoroso episódio de repercussão na mídia nacional.

Abaixo relaciono os bens, os quais compunham um dos mais ricos acervos sacros do Maranhão, conhecidos de todos

quantos freqüentaram a Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição de Viana ou ali trabalharam antes de 1975 e que, a partir desse ano, desapareceram misteriosamente:

1. Uma imagem grande de madeira de São José (barroca)
2. Uma imagem grande de madeira de Santa Luzia
3. Uma imagem grande de madeira de Nossa Senhora dos Remédios
4. Uma imagem grande de madeira de Nossa Senhora das Dores
5. Uma imagem grande de madeira de Nossa Senhora do Rosário
6. Uma imagem grande de madeira de São Joaquim
7. Uma imagem grande de madeira de Sant’Ana
8. Um conjunto de pia, de pedra de cantaria, da sacristia da igreja
9. Um outro conjunto de pia, igual ao primeiro (que no passado pertenceu à Igreja de São Benedito e que se encontrava no jardim do Palácio Episcopal)
10. Três jogos de castiçais de metal dos altares da padroeira, do Coração de Jesus e de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro
11. Uma cruz grande de prata, usada nas procissões
12. Um rosário de contas de ouro, com uma cruz e uma rosa de ouro
13. Um terço de prata
14. Um crucifixo de marfim

Que a divulgação do criminoso desaparecimento destas peças de tão grande valor, sirvam de reflexão às autoridades competentes e à sociedade como um todo, em especial ao povo vianense e aos filhos da terra espalhados por todo o país.

UM VIANENSE QUASE SENADOR

João Mendonça Cordeiro

Viana que já possuiu dentre seus filhos ilustres, um governador do Estado, Dr. Manoel Lopes da Cunha, desembargador e presidente do Tribunal de Justiça do Maranhão, pai dos renomados intelectuais Raimundo Lopes da Cunha e Antônio Lopes da Cunha; que já possuiu um interventor federal no governo do Maranhão, Dr. Astolfo Serra, poderia ter tido, também um senador da República.

O Cônego Constantino Trancoso Vieira, nascido em Viana, no dia 22/11/1901, era suplente do senador Clodomir Cardoso, que, ao falecer na vigência do mandato, não foi substituído pelo cônego, de tanto prestígio político em todo o Estado, na década de 1950. Deve ter havido pressão por parte do arcebispo de São Luís, Dom José Delgado, para renunciar ao mandato, não só porque aquele eminente e operoso antistite preferia o clero fora dos embates partidários, além do mais porque seria um senador de oposição e certamente o arcebispo não gostaria de desagradar os

mandatários governistas, vitorinistas, dos quais muito precisava para o surgimento e manutenção de grandes obras que desenvolvia em vários campos, especialmente no educacional, com a criação e funcionamento de faculdades e posteriormente da Universidade Católica do Maranhão.

Viana perdeu assim o seu senador, mas a igreja Católica do Maranhão conservou o padre zeloso das paróquias de Vitória do Alto Parnaíba e Pastos Bons (nesta durante quase 27 anos), exercendo a partir de 1952, em São Luís, as funções de secretário do arcebispado e professor da escola, depois Faculdade de Enfermagem, na Rua Rio Branco, bairro dos Remédios, onde foi capelão durante anos.

O Cônego Constantino Vieira, por

haver residido e trabalhado durante décadas no Sul do Maranhão, muitas pessoas, inclusive de Viana, pensavam que fosse daquela região. Jamais, no entanto, esqueceu os laços profundos que o ligavam à cidade natal, tanto assim que colaborou, assiduamente, na década de 1930, no jornal vianense “A Época”. O Cônego Constantino Vieira faleceu em São Luís, em 10/02/1964.

Pelo que representou na política maranhense, no magistério, no jornalismo, na oratória (ouvi vários sermões seus na capela da Faculdade de Enfermagem), o Cônego Constantino Trancoso Vieira, de tradicional família vianense, merece nossa homenagem, não só neste registro histórico-jornalístico, como sem dúvida sendo um dos futuros patronos da Academia Vianense de Letras.

ERRATA

No nosso último número cometemos dois equívocos, aqui retificados:

- 1 – O Maestro Temístocles Lima é o autor da música (e não da letra) do Hino Vianense (artigo intitulado “Casa de D. Cotinha Barros”).
- 2 – O escritor e advogado, Heitor Piedade Júnior, ocupa a cadeira de nº 3 da Academia Vianense de Letras e não a de nº 4 (matéria biográfica: “Um Acadêmico, Um Patrono”).